

En Arend, Silvia Maria Fávero., Pereira, Ivonete. y Schreiner, Davi Félix., *Infâncias Brasileiras: experiências e discursos*. Cascavel, Paraná (Brasil): Ed. UNIOESTE.

Evidências do que não foi: a construção de uma realidade através das fotografias do Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (1940-1960) - Artigo Evidencias do que nao foi fotografia e história Eduardo S N Nunes.

Nunes, Eduardo Silveira Netto.

Cita:

Nunes, Eduardo Silveira Netto (2009). *Evidências do que não foi: a construção de uma realidade através das fotografias do Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (1940-1960) - Artigo Evidencias do que nao foi fotografia e história Eduardo S N Nunes*. En Arend, Silvia Maria Fávero., Pereira, Ivonete. y Schreiner, Davi Félix. *Infâncias Brasileiras: experiências e discursos*. Cascavel, Paraná (Brasil): Ed. UNIOESTE.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/edunettonunes/23/1.pdf>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pOQa/htr/1.pdf>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Infâncias brasileiras: experiências e discursos / organizadores: Davi Félix Schreiner, Ivonete Pereira, Sílvia Maria Fávero Arend - Cascavel: Ed. UNIOESTE, 2009. 322 p. : il. ; 23 cm.

ISBN: 978-85-7644-188-5

Inclui referências bibliográficas.

1. Infância - Brasil - História. 2. Direito e antropologia. 3. Políticas Públicas - Brasil. I. Schreiner, Davi Félix. II. Pereira, Ivonete. III. Arend, Sílvia Maria Fávero. IV. Título

CDD: 362.70981

Prefácio _____ 9

Introdução _____ 13

I. Roda dos Enfeitados no Recife (1789-1832):
entre o debate historiográfico e o labirinto da pesquisa
Alcileide Cabral do Nascimento _____ 17

II. Modernidade e Criminalidade na Primeira República:
os patronatos agrícolas e a ressocialização da delinquência
juvenil (Santa Catarina, 1918-1930)
Daniel Alves Boeira _____ 35

III. A Eugenia no Brasil:
"trabalhar" a infância para "(re)construir" a pátria, 1900-1940
Ivonete Pereira _____ 49

IV. A Literatura e a Vivência da Infância nas Camadas
Médias e nas Elites (Teresina, início do século XX)
Pedro Vilarinho Castelo Branco _____ 73

V. A Lei e a Construção da Noção de Menor:
em cena os relatórios sociais (Florianópolis, 1930-1940)
Sílvia Maria Fávero Arend _____ 95

VI. A Infância e o Discurso Religioso:
o caso da menina que virou santa no Sul do Brasil
(década de 1940)
Marli de Oliveira e Maria Stephanou _____ 113

VII. Educar, Civilizar e Catequizar a Infância.
A Escola Paroquial de Serrote (Sertão da Bahia, 1940-1957)
Tânia Mara Pereira Vasconcelos _____ 141

- VIII. Evidências do que não foi:
a construção de uma realidade através das fotografias
do Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina,
Florianópolis (1940-1960)
Eduardo Silveira Netto Nunes _____ 169
- IX. Corpo, Infância e Publicidade (décadas de 1940 e 1950)
Ana Carolina Dionísio e Gilka Elvira Ponzi Girardello _____ 191
- X. A Experiência com a Infância em uma Comunidade
Camponesa na Paraíba
Emilene Leite de Souza _____ 213
- XI. Tecendo Cidadania.
A educação de crianças e trabalhadores no fazer-se do
MST (Paraná, década de 1990)
Davi Félix Schreiner _____ 237
- XII. Os Direitos da Criança na Encruzilhada:
os princípios da igualdade versus os princípios da
diferença (1990-2000)
Patrice Schuch _____ 257
- Notas _____ 277
- Bibliografia _____ 309

Preparado

Capítulo VIII

*Evidências do que não foi:
a construção de uma realidade através das
fotografias do Abrigo de Menores do
Estado de Santa Catarina
Florianópolis (1940-1960)*

Evidências do que não foi: a construção de uma realidade através das fotografias do Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina Florianópolis (1940-1960)

Eduardo Silveira Netto Nunes*

Entre os anos de 2002 e 2005, ao realizar pesquisa envolvendo o Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis, cujo resultado foi em parte tratado numa dissertação¹, deparei-me com registros fotográficos que datavam, principalmente, das duas primeiras décadas de funcionamento da instituição, 1940 e 1950, e procuravam documentar suas instalações físicas, seu sistema de funcionamento interno (disciplina, ordem, higiene, formação), sua rotina, enfim, seu cotidiano.²

Num primeiro momento, essas fotos pareciam envolver duas preocupações para terem sido tiradas e guardadas: construir um referente a seu tempo contemporâneo (1940-1950, adiante) que legitimasse e justificasse a existência do Abrigo, e condensar a complexa história envolvendo o Abrigo em imagens harmônicas que representassem à posteridade a memória legítima da experiência do Abrigo, dos abrigados e de seus administradores, sendo as próprias imagens a "prova real" da "veracidade" dessa harmonia.

Antes, porém, de ingressar nas imagens, apresento, resumidamente, características ligadas ao processo histórico do Abrigo de Menores. O Abrigo de Menores do Estado foi o primeiro estabelecimento do governo de Santa Catarina destinado à internação de pessoas, do sexo masculino, na faixa etária entre 7 e 18 anos, considerados, pelo juiz de Menores da Capital, abandonados, ou pelo juiz de Direito responsável pela cidade da qual provinha o jovem, quando este morasse no interior catarinense. Nos primeiros cinco anos de funcionamento (1940-1945), ele também recebeu jovens que teriam sido considerados infratores das leis penais e que, até sua inauguração, eram direcionados à Penitenciária Estadual, em Florianópolis.

Os rapazes provinham de famílias pobres, às vezes eram órfãos; outras vezes, mesmo que vivos ambos os pais, moravam junto a um deles apenas; em outras ocasiões, vivos ou mortos os pais, ou um deles, eram entregues aos cuidados de um outro parente da família (avós, tios), ou a uma outra

* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e aluno do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo.

família, em algumas ocasiões sob o termo de guarda ou soldada.³ A maioria dos meninos residia em Florianópolis à época da internação e eram pequenos trabalhadores, estudantes, brincantes das ruas, das praças e do mar central da capital.

Os depoimentos orais com ex-abrigados e os demais documentos da pesquisa (jornais, prontuários, sentenças de abandono) indicaram-me que eles se sociabilizavam privilegiadamente nos espaços públicos e, para eles, coletivos da cidade. Eram, sobretudo, viventes de suas condições infantis, onde forjavam suas experiências concretas participando do cotidiano citadino, sendo identificados muitas vezes como impertinentes, incômodos, problemáticos pela "sociedade" adulta, justificando, aos olhos dessa sociedade, por esses motivos, seus encaminhamentos à internação no Abrigo.

No aspecto administrativo, esse internato foi construído e era mantido financeiramente pelo governo do Estado de Santa Catarina para ser um instrumento de intervenção, de assistência e de controle do Juízo de Menores da Comarca da Capital – o Juízo iniciou suas atividades em 1935 – sobre as famílias pobres, em especial sobre a infância pobre, cuja expressão mais forte era a internação dos rapazes. Apesar desse caráter oficial, o Abrigo, em sua gestão direta, em sua condução cotidiana, desde sua inauguração em 1940, foi entregue, mediante convênio, renovado periodicamente até o início de 1973, à coordenação da Congregação dos Irmãos Maristas (mais tarde chamada juridicamente de União Catarinense de Educação – UCE), ordem religiosa, católica, dedicada à educação, criada na França por Marcelino Champagnat. Essa conformação organizacional deu ao Abrigo uma situação peculiar comparativamente a outras instituições brasileiras destinadas a receber jovens considerados abandonados. Tais entidades eram administradas e geridas diretamente pelo Estado, ou criadas e geridas de forma privada (fundações, ordens religiosas, caridosas, beneficentes, filantrópicas) com algum tipo de subsídio financeiro estatal, mas sem muitas interferências administrativas do governo.

O internato em Florianópolis era diferente, pois o Estado o financiava e era seu "dono", dado que o Juízo determinava quais seriam as pessoas abrigadas e controlava seu funcionamento cotidiano, pois estava construído na mesma área do Abrigo. Os Irmãos Maristas administravam diretamente a obra, imprimindo, em alguma medida, sua "pedagogia". A consequência dessas relações era que, marcado por tensões, disputas, controles e concessões mútuas, o Abrigo foi se constituindo de uma forma específica, com uma pedagogia característica⁴, mas que vocalizava interesses dominantes, enfocando objetivos como os de transformar os rapazes abrigados (mediante uma prática autoritária, rígida e, às vezes, fisicamente violenta) em sujeitos adultos ordeiros, laboriosos e católicos.

O ingresso no Abrigo, na condição de interno, representava para os rapazes um momento marcante em suas trajetórias. A vida cotidiana ao longo dos anos, nesse estabelecimento, constituiria profundamente a experiência

como sujeito de cada um deles, seja durante a internação, seja depois dela. Fragmentos dessas experiências, complexamente ambíguas, pode discutir deste presente texto, desconstruindo as fotografias, e, por consequência, ao longo da memória oficial, produzida pelo Estado e pelos Maristas, sobre esse passado do Abrigo. Parte dessa memória oficial utilizava-se dos abrigados, em geral, como objetos ilustrativos, decorativos, moldáveis, adornos, referências iconográficas, não como sujeitos ativos, dotados de vitalidade, de significação própria, de personalidade.

As fotografias utilizadas aqui foram pesquisadas em dois acervos diferentes, sendo que cada qual contém uma conformação específica, como se verá mais abaixo. Refiro primeiro o acervo do Centro Educacional do Jayme de Barros Câmara⁵ (ACEDOCAM). Nele encontrei o Álbum de Fotografias do Abrigo de Menores com uma série de fotografias de caráter institucional, forma idealizada, a instituição, suas "montadas" para representar, de forma idealizada, a instituição, seus "personagens" ou atores (autoridades, irmãos Maristas, abrigados), suas práticas e objetivos. As fotos pretendiam construir-se como uma espécie de memória visual oficial do Abrigo. Elas datam da década de 1940 a 1960, principalmente de 1940 e 1950.

Em segundo lugar me refiro ao acervo da União Catarinense de Educação - Irmãos Maristas - (AUCE). Neste local acessei diversas fotografias guardadas em um envelope, sem datação adequada. Elas apresentavam um Abrigo, ainda que com "personagens", ainda que com "cenários projetados" para representarem um campo visual desejado, quase sempre com uma "informalidade" maior, com uma exposição de "cenas selecionadas do cotidiano", que também pretendiam construir uma memória iconográfica dessa experiência, apresentando os Maristas e os abrigados em perfeita sintonia, rumo à concretização das funções da instituição: criar adultos sintonizados dentro de um sistema pedagógico suave, alegre, sadlo. O acesso a essas fotos, entretanto, a princípio seria restrito e privativo aos religiosos. Entretanto, por vezes, os religiosos utilizavam algumas imagens em publicações destinadas à população.

As imagens construídas do Abrigo têm conexão com o período no qual ele foi projetado e executado. Falar um pouco de sua inserção nessa época se faz indispensável para compreender os aspectos não evidentes das imagens congeladas nas fotografias que o apresentam.

O ano é 1940, precisamente no dia 11 de março, data em que as ruas de Florianópolis recebiam festivamente o ditador do país, Presidente Getúlio Dornelles Vargas, isso porque nessa data se realizou a inauguração de inúmeras obras construídas pelo governo de Santa Catarina, sob a gestão do Interventor Nereu Ramos, com o apoio do governo federal. Essas obras procuravam incluir, no ambiente da capital catarinense, marcas de uma nova modernidade que se procurava moldar, fundamentada no aperfeiçoamento das formas de controle estatal sobre a vida social, dirigida a forjar

uma pretensa sociedade "higiénica, salubre, passiva politicamente, católica e laboriosa", envolta sob o manto do arbitrário e do autoritário.

Alguns dispositivos, como a polícia, expressavam isso de forma evidente através da repressão política e do controle sobre movimentos contestatórios; outros dispositivos foram sendo elaborados e atuaram de forma mais silenciosa, "terapêutica", "profilática", pincando no social sujeitos considerados impertinentes, política, social, moral e sanitariamente, colocando-os em instituições pensadas para, segregando indivíduos, pretensamente recuperar, regenerar, reformar, curar, e depois restituí-los ao convívio cotidiano da sociedade em geral.

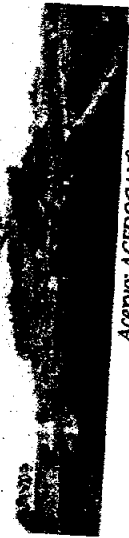
Exatamente para a inauguração de obras ligadas a esse processo é que Vargas se fez presente em Florianópolis. Eram obras como: o Departamento de Saúde Pública, a Colônia Santana, a Colônia Santa Tereza, a modernização da Penitenciária do Estado, o Abrigo de Menores (juntamente com o prédio do Juízo de Menores). Cada uma dessas construções fora projetada para atingir certo segmento social, dando vazão a um campo específico de finalidades, apesar de todas convergirem no sentido do esquadramento e do controle das condutas das pessoas no presente, e sobre a transformação das possibilidades de suas atitudes futuras, na direção da disciplina, do labor e da ordem.

A disposição espacial da construção física de tais instituições pelo território como que expressava alguns de seus propósitos iniciais. O Departamento de Saúde foi levantado na região central de Florianópolis, buscando facilitar o acesso a seus "serviços", potencializando o exercício do controle de epidemias; aproximando-se do trabalhador para que este, ao ficar doente, fosse curado com brevidade, e servindo de posto "avanzado" para esquadrihar o público e selecionar os "pacientes" para instituições como a Colônia Santa Teresa (hansenianos), a Colônia Santana ("doentes mentais"), o Hospital Nereu Ramos (tuberculosos), e o próprio Abrigo de Menores, tendo em vista que as famílias pobres recorriam a serviços médicos e assistenciais, como distribuição de leite, segundo disse o ex-brigado Moisés⁶, intervindo assim na organização da cidade e na vida de seus moradores. As Colônias Santa Teresa e Santana, diversamente, foram construídas afastadas de núcleos urbanos, ficando em cidades próximas da capital, sinalizando o interesse de passar uma borracha na existência socialmente comparada dos sujeitos "qualificados" como doentes mentais e hansenianos⁷, segregando-os (corpos, existências) do ambiente social. A Penitenciária do Estado estava situada na capital, mas ficava distante do centro, no atual bairro da Trindade, e, em alguma medida, pretendia deixar evidente a segregação social pela qual passaria aquele que cometesse crime, sem entretanto perturbar a sensibilidade visual da vida urbana cotidiana.

Nos arredores do centro da capital, num bairro considerado por um cronista⁸ como o local de *mais vida na ilha de variedades* - o Agrônômica -, o Abrigo de Menores foi construído. Sua localização como que falava de suas

estratégias institucionais iniciais: nem estava próximo demais do centro, para ser impertinente a seu cotidiano; nem estava longe o bastante para ser percebido como um lugar meramente de segregação social de segmentos da infância pobre. Se a presença geográfica dessas edificações expressava em parte os objetivos iniciais de cada instituição, esse fato não encerrava nem aprisionava a forma, o uso e os propósitos que seriam constituídos, cambiados e reconfigurados na trama sócio-histórica, envolvendo-as.

Vejamos uma representação fotográfica do Abrigo e de sua localização nesse "arrabalde":



Acervo: ACEDOCAMP

A monumentalidade da estrutura do Abrigo, tomando por parâmetro as escalas das construções em Florianópolis no período, juntamente com a paisagem natural na qual ele estava inserido e a combinação dos ambientes mar, terra, ar e a profundidade expressos na imagem, fazem da foto, quase um cartão postal, a reprodutora de uma suposta evidência da harmonia, da grandiosidade e da beleza que teriam composto a experiência possível desse internato.

A arquitetura e os espaços do Abrigo não tinham maiores preocupações estéticas. Pelo contrário, a grande atenção recaía sobre os aspectos funcionais, ou seja, sem arte, mas com finalidades e dinâmicas pressupostas para todos os ambientes: asseio, criação de circuito de locomoção predisposto para conectado a uma rotina previamente pensada, a uma vigilância latente, a uma disciplina, a uma aprendizagem, a um trabalho e a uma produção. Nesses espaços, se pretendia atingir ao máximo a ausência de privacidade, a separação e o esquadramento dos corpos¹⁰, sendo esses aspectos tornados diretrizes estruturais da arquitetura e de seu cotidiano. A monumentalidade do Abrigo está diretamente relacionada a seus objetivos funcionais, pois, para comportar 240 rapazes, mais cerca de 16 Irmãos Maristas, mais uma dezena de funcionários, aproximadamente, no dia-a-dia, dividindo o espaço de circulação e vivência dos rapazes por quatro turmas de 60 meninos cada, por faixa etária (1ª turma: 7-10 anos; 2ª turma: 10-14 anos; 3ª turma: 14-16 anos; 4ª turma: 16-18 anos), necessário se fez uma espaçosa obra.

Complemente-se a informação acima com a ideia de que o Abrigo foi pensado para ser, em parte, auto-suficiente na produção de alimentos para consumo próprio, daí porque tinha extensa área de terra junto a sua estrutura principal, tinha ainda uma seção agrícola, localizada no Itacorubi (apartadamente da estrutura principal do Abrigo), ambas destinadas à produção de grãos, de hortifrutigranjeiros, de animais. Nesse aspecto, a grandiosidade do estabelecimento, com seus funcionários e com suas práticas rotineiras como um todo, representava um eloquente e potente poder diante da figura do rapaz abrigado, e acabava por reduzi-lo, inferiorizá-lo, condicionando-o, pela força simbólica e concreta, a uma relação de aparente submissão.

Aos olhos das pessoas de fora, essa grandeza não deixava dúvida da magnitude e da nobreza do projeto voltado para os pobres "jovens abandonados", que, juntamente com suas imagens, legitimava-se pela expressividade da localização e da construção, conforme sugere a fotografia abaixo:



Acervo: AUCEP

A estrutura do Abrigo era composta de espaços destinados ao uso exclusivo de cada uma das turmas de internos, estes divididos em turmas pela faixa etária: quatro campos de futebol, quatro áreas cobertas, quatro dormitórios com quatro banheiros coletivos. Havia os espaços que eram compartilhados por algumas das turmas e não por outras, tomando por critério a separação dos "pequenos" (7 aos 14 anos) e dos "grandes" (14 aos 18 anos): salas de aula (1ª, 2ª, 3ª e 4ª série, 5ª e 6ª período, chamado profissional); hortas e manutenção dos gramados (para os pequenos); seção agrícola, granja (animais de criação), oficinas profissionais (no número de seis: alfaiataria, barbearia, marcenaria, ferraria, encadernação e sapataria) e banda de música (para os grandes).

Havia ainda locais de uso comum a todos os abrigados, apesar de existir uma separação territorial virtual entre as turmas, uma linha de

marcatória de "fronteiras abertas", pois, apesar de contíguas as presenças, cada turma tinha seu espaço delimitado, e só podia interagir com seus colegas de turma: capela para 250 pessoas; refeitório para 260 pessoas; teatro com 300 lugares. Também existiam ambientes de uso restrito a um grupo de internos: enfermaria com 20 leitos aproximadamente; "quartinho disciplinar", espécie de cadeia, para 4 rapazes; cozinha, gabinete odontológico, entre outros. Havia locais que compunham o complexo do Abrigo, entretanto não eram utilizados pelos internos, como a casa dos Irmãos Maristas, o Juízo de Menores, à exceção de alguns poucos que trabalhavam na limpeza, no auxílio administrativo, na cozinha

As representações construídas para "evidenciar" essa estrutura e seu funcionamento, dependendo de qual fonte provinha, das fotos do Livro do Abrigo do período de sua inauguração na década de 1940, ou das fotos tiradas pelos Irmãos Maristas para seu acervo privativo ou para o Livro do Abrigo a partir da década de 1950, destacam alguns aspectos mais que outros, como apressento abaixo, tendo em comum, entretanto, a apresentação da instituição como educacional, transformadora, saudável e necessária.

As fotos do período da inauguração fazem um passeio pela instituição destacando as condições higiênicas, saudáveis das instalações...



Acervo: ACEDOCAM¹²

Expondo o caráter formativo escolar, que se reduzia ao ensino primário (1ª a 4ª série) - alfabetização, operações básicas de matemática, noções de geografia e história, além de religião, civismo, entre outros - a imagem procura definir um local de asseio, ordem, quase todo uniformizado, adequado àqueles internos, positivo àquelas pequenas almas, que ali então instruíam pacificamente sob a coordenação e a atenção de um Irmão Marista professor...



Acervo: ACEDOCAM¹³

Os adornos (folhagens, imagens religiosas) configurariam o "tranquilo" ambiente somente porque vigiado pelo representante divino na sala, o Irmão, pela cruz e pelos olhares das santas, e os castigos. Tudo isso era "válido", porém, pois tornava os rapazes instruídos, sendo capazes do exercício da leitura, como também procurou deixar evidente a imagem acima.

Se, apesar disso, o rendimento escolar dos rapazes não fosse aquele esperado, ainda que houvesse uma divisão escolar especial em funcionamento ali, pois cada uma das séries (1ª, 2ª, 3ª, 4ª) era subdividida em duas, assim, o aluno, para concluir a 4ª série, tinha de estudar aproximadamente de 6 a 8 anos, a responsabilização não recairia sobre o método, ou seja, não recairia sobre as condições dos rapazes no Abrigo (internados compulsoriamente, afastados da vida cotidiana externa), mas, sim, sobre a origem social, familiar, biológica deles!

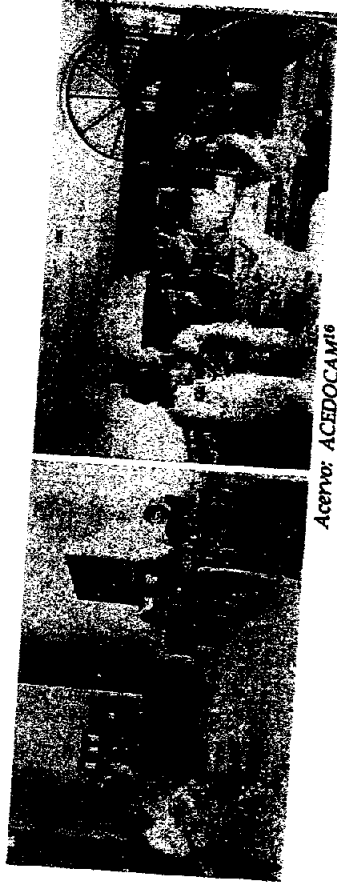
A indicação dos registros de aprovação e de reprovação escolar no Abrigo - "O grau de aprovação tem se mantido entre 50% e 75%, por se tratar em geral de merinos-problema¹⁴" - enviada ao governo do Estado pelos Maristas parece não refletir aquilo que as imagens acima poderiam sugerir. Para justificar esse aproveitamento baixo, um dos relatórios oficiais do Abrigo entregue ao governo (relatório que, até onde consta, não teve publicidade) afirmava:

Existe por parte de um grande número de abrigados uma verdadeira ojeriza para os estudos. Sentem maior pavor dos livros do que da própria enxada. São os fatores hereditários, psíquicos e educacionais destes elementos pouco favorecidos da sorte que muito influem neste estado de cousas.¹⁵

A educação profissional, com seis oficinas (de alfaiataria, de serralha, de sapataria, de encadernação, de barbearia, de marcenaria) que nem sempre funcionavam (isso por problemas técnicos ou por falta de mestres),

fundamentava-se no aprender fazendo, ou seja, aquisição de habilidades manuais e técnicas voltadas para a realização objetiva de um trabalho. Ela vocalizava intenções ideológicas de preparar os jovens para o labor produtivo, disciplinado, e subalterno, ou seja, funções que participariam da produção industrial, capitalista de forma secundária.

As imagens fotográficas elaboradas desse aspecto tinham a preocupação de expor um aprendizado executado com ordem, concentração, limpo e do "êxito" do aprendizado, pois mostrava a habilidade adquirida pelos internos já sendo posta em prática. Vejamos:



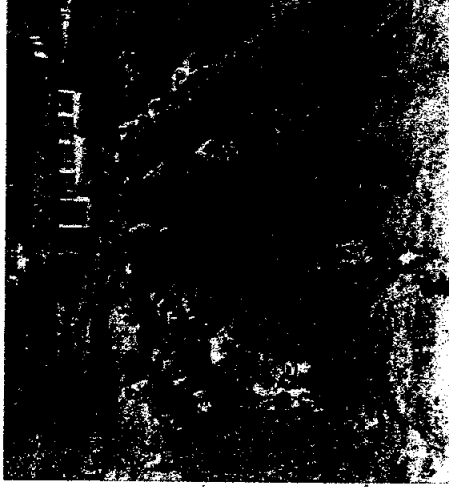
Acervo: ACEDOCAM¹⁶

Entretanto, dentre os doze depoentes ex-abrigados que conversaram comigo na realização da pesquisa mencionada no início deste texto, nenhum deles que teriam aprendido numa dessas oficinas. E, antes de educativo, as atividades realizadas nas oficinas poderiam ser caracterizadas como trabalho produtivo, pois as verbas do governo destinadas a esse fim eram insuficientes.

Os pequenos acidentes eram frequentes, pelo porte das máquinas e pelo tipo de ação desenvolvida, e chegou ao extremo de acontecer uma morte motivada por acidente na marcenaria.¹⁷ Além disso, as oficinas forneciam ao interno uma série de "produtos" (roupas uniformizadas, calçados, móveis, etc.) e de "serviços" (corte de cabelo, barba, etc.), sendo elas, portanto, indispensáveis ao interno. O ex-abrigado sr. Moisés, ao se referir à oficina de marcenaria, à qual ele esteve vinculado, foi peremptório: "Marcenaria não era um estudo; tinha que trabalhar para render".¹⁸

Tão indispensável quanto as oficinas era a produção advinda da seção agrícola, das hortas e da granja. Desses locais retirava-se leite, carne, verduras, leguminosas, frutas, mel, melão, adubo, plantas forrageiras, entre outros gêneros consumidos no Abrigo. O caráter ocupacional, "regenerador",

saudável e moralizador do trabalho dos rapazes parece ter sido o enfoque das fotografias, assim como a harmonia, a ordenação das formas, resultado da condução das ações dos internos pelos Maristas, que quer se mostrar sóbria, eficaz. Vamos a uma das imagens:



Acervo: AUCE¹⁹

As atividades na horta eram comuns à 2ª e 3ª turmas do Abrigo, e eram consideradas leves quando comparadas às da Seção Agrícola. Para esta direcionavam-se privilegiadamente alguns abrigados da 3ª e 4ª turma, às vezes como forma de punição²⁰, às vezes por não existir vaga para o rapaz nas oficinas, o que indica que não era muito desejada a participação nesse espaço de trabalho fortemente braçal.

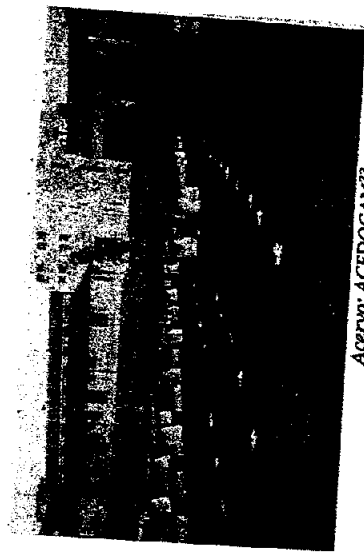
Se as imagens procuravam traduzir uma realidade construída artificialmente para ser objeto do registro fotográfico, a fotografia em si "provaria" a idealidade e a bonança do projeto conduzido pelos Maristas e mantido pelo Estado. Outros documentos, entretanto, fazem com que a própria idealidade de algumas atividades seja posta em cheque, assim como expõem deficiências institucionais invisíveis à evidência das fotos. Através de Relatório do Abrigo de Menores enviado ao governo do Estado pelos Maristas em 1952, uma dessas deficiências foi apontada, e ela dizia respeito a um dos objetivos centrais do internato - transformar os rapazes em trabalhadores, em operários -. Vamos ao que se disse:

Não deixa de ser um paliativo a situação atual do Abrigo. Precisamos conseguir que cada menor aprenda seus ofícios, pois os que vêm da cidade não ficam nos campos. Todos eles querem conseguir um emprego nos

grandes centros, não se resignando a ir ou permanecer na agricultura.²¹

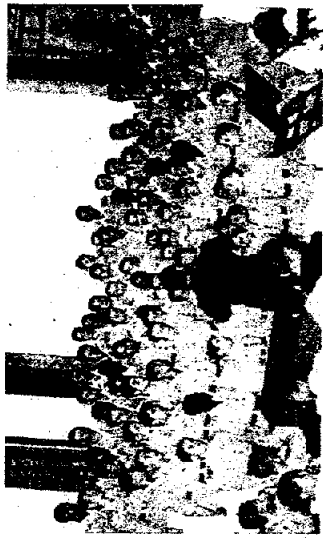
A intervenção sobre a infância e as famílias pobres tinha, na época, diversas fundamentações, algumas delas eugênicas (correção e aperfeiçoamento da "raça" pelo controle da reprodução ou, então, pela "regulação" de pessoas consideradas de raças inferiores, geralmente ligadas à miscigenação, aos afro-descendentes ou, então, à própria condição de pobre, e que seriam portadores de fatores "hereditários" negativos ao progresso), outras higiénicas e sanitárias (controle da proliferação de epidemias combatendo "vetores" que propiciariam doenças, e o crescimento de crianças para a gestação, o nascimento, a sobrevivência de saúde nos trabalhadores para o pleno exercício do labor dentro do sistema capitalista, esquadrinhamento urbano), outras ainda projetando conformações sociopolíticas à nação (resignação e adequação social, ordem, disciplina, respeito às hierarquias e à autoridade: cada um no seu lugar, sendo o deles o de pobres, decolaboradores, de submissos ao sistema dominante - uma pedagogia da desigualdade natural e da imobilidade popular).

O Abrigo foi construído sobre a infância considerada (em alguma medida) abandonada e pretendia, em suas práticas, contemplar demandas eugênicas, higiénicas, sanitárias, sociopolíticas, de modo a regenerar, a adequar e a conformar os jovens rapazes no presente da internação e no futuro da vida social adulta deles. Nesse aspecto, a educação física, propriamente dita, musical (coral, banda de música), cívica, postula comprovar a concretização dos designios assumidos por Maristas, pelo Estado. Corpos organizados no espaço, exercitando-se, fortificando-se, conquistando saúde pelo esforço coordenado...



Acervo: ACEDOCAM²²

Corpos distribuídos no espaço pelo tom de voz, pela altura, na procura do efeito sonoro e visual mais harmônico, conduzidos pela autoridade: belo para quem escuta; pedagógico e político para quem determina o movimento da musculatura facial para produção do som esperado, o abraço; expressão de poder para quem manda e comanda o orfeão dos guris abrigados...



Acervo: ACEDOCAM²³

Corpos dramatizando papéis que lhes foram outorgados e exigidos: sujeitos domados exemplarmente. Corpos suportando textos que os atravessavam e diziam aquilo que outros gostariam de tornar público: abrigados como instrumento retórico de citação, em nome da República, do Catolicismo e do progresso jubiloso de seus vultos regionais...



Acervo: ACEDOCAM²⁴

Exageradas essas avaliações e análises sobre o Abrigo? Não me parece. Os Maristas tinham grande cuidado na organização da participação dos abrigados em atividades públicas, pois creditavam um alto valor representativo

para tais momentos já que era a visibilidade social de seus esforços pedagógicos expressa através dos rapazes, ou seja, estes não eram eles mesmos, mas sim um produto, um resultado idealizado que se queria mostrar a fim de se reter frutos simbólicos e prestígio institucional aos religiosos.

Apresento uma publicação dos Maristas, dentre várias, de circulação interna à Congregação, na qual se expôs, de forma jubilosa, ufanista, vaidosa, o sentimento dos religiosos diante o desfile dos abrigados e a recepção do público frente a isso.

O nosso civismo marca o amor que temos à pátria... Tão necessária é a formação cívica do homem quanto o é sua formação religiosa... Como encaramos a formação cívica de nossos alunos?... Deus e a Pátria muito espermam da atividade apostólica e patriótica dos Irmãos Maristas... O Abrigo de Menores tem por praxe celebrar com a maior ênfase as datas nacionais e, no Dia da Pátria, marcou, sem a menor dúvida, o ponto alto do desfile estudantil. A sua banda de música, a sua disciplina e o seu marchar cadenciado e viril provocaram aplausos de ponta a ponta e ficaram no comentário do povo como dignos da admiração... É a Congregação Marista que estamos realizando esta obra insuperável. Congratulemo-nos.²⁵

A vida dos abrigados estava envolvida numa e submetida a uma rede de forças (morais, simbólicas, materiais) de repressão, de violência, de rotinas disciplinares moldadoras de posturas e de condutas, que, por mais potente que fosse, não conseguia, na plenitude, atingir os objetivos do projeto de transformação e de adequação dos rapazes levados a cabo pelo Estado, Maristas e Juízo de Menores. Talvez por isso houvesse a necessidade de representação plástica, eloquente e pública do suposto êxito completo atingido na fabricação desses meninos.

Ocorre que esses ex-meninos guardam, nas lembranças e em suas experiências, o preço pago por suas vidas nessa trajetória institucional. Valmir, comentando uma triste e dolorosa recordação dessa época, deixa evidente a potência que recai sobre os abrigados para adequá-los aos preceitos idealizados pela instituição. Disse-me:

Fazia parte do Coro Orfeônico, eu cantava a primeira voz o tenor e me dei na boba de fazer uma voz grossa na hora que estavam cantando, aí um Irmão Marista daquele, um baíta de um homem, bom ouvido, matou que era eu: "Passa aqui!" Ele me pegou e já foi me enchendo de mão-de-vaca aqui atrás, e me levou bico de sapato até o canto da sala, eu caía e levantava, quando levantava ele dava outro e eu caía de novo e levantava

outra vez e eu caía outra vez e eu levantava outra vez e caía outra vez, e cada vez que eu levantava eu caía outra vez, eu fui a chute e pontapé até o outro canto da parede ficar de joelho lá. Depois daquilo ainda peguei mais de dois meses de cavar barranco na parte da tarde, eu ia pegar um carrinho de mão e uma picareta cavar barranco e botar barro na estrada lá... só porque cometi um erro insignificante de não fazer o que devia fazer pra apañar tanto... mas por ser tão rígido a educação, passava até às vezes da, chegava ao extremo... As outras coisas são coisinhas banais, mas esse aí é um caso que eu não consigo esquecer.²⁶

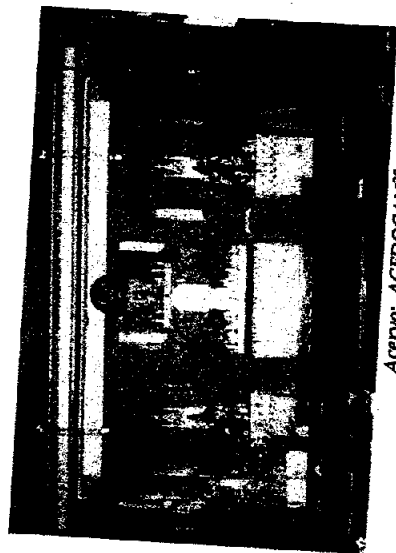
Essa experiência, entretanto, não o impediu de, imediatamente após dizer isso, considerar o Abrigo como importante na sua vida, *mas que de qualquer forma, afora esses imprevistos, a educação era perfeita*, mesmo reconhecendo que essa opinião não é compartilhada na totalidade com os demais ex-abrigados, sugerindo que existem pessoas que guardam mágoa do período no Abrigo: *Existem alguns ex-abrigados que não suportam, nem dizem que foram criados lá, eles tem uma mágoa grande, eu pelo contrário, eu sinto prazer*. Essa significação "ambigua", relativa à experiência vivida e até mesmo chegando em alguns casos à negação, expressou as diferentes e múltiplas formas como o "ter sido" abrigado foi e é significado pelos sujeitos, indicando existirem tendências, tensões na maneira de olhar e de lidar ante tais vivências.

Arlindo Nelson tentou ser didático na expressão daquilo que poderia fazer emergir essa "ambigüidade", ao falar que "tinha época boa, sabe, tinha muita coisa boa, acho que 90% era bom, mas tinha os 10% que era o castigo, a exigência, a prisão, é muito confinamento".²⁷ Ocorre que, para a "pátria" e para os Maristas, a opinião, o sentimento, a experiência vivida pelos abrigados não interessava muito, o que importava era aquilo no que eles seriam transformados, e apenas a "pátria" e os Maristas se auto-reconheciam como capazes de conduzi-los da melhor forma.

Essa ligação entre Estado e Religiosos não era "voluntariosa", benemerente. Ela estava transpassada por interesses políticos, institucionais, ideológicos de seus agentes: Governo, Juízo e Maristas. Ações autoritárias vestidas de assistencialistas, paternalistas; gerenciamento e intervenção sobre a população e família pobre; naturalização da catolicização hegemônica do social. Esses alguns dos focos convergentes que procuravam legitimar a atuação dessas figuras, sem evidenciar os aspectos "violentos" e arbitrários das iniciativas levadas a termo. "Pátria" e Maristas. Civismo e religião. Binômio marcante na história do Abrigo e nas experiências cotidianas da rotina interna. A força civilizadora e salvadora de um e de outro ganhava uma roupagem destacadamente religiosa pela coordenação das atividades por Maristas que, desde a vestimenta,

simbolizavam de que religião se tratava: catolicismo.

Isso não era visto como problema na fervorosa e majoritariamente católica Florianópolis, mas a persuasão e a força simbólica da fé sobre os abrigados era transfigurado em dispositivo disciplinar, moralizador, punitivo, temerário. E a fé estava em todo o lugar, nas paredes das salas, nos adornos dos ambientes, no corpo e vestimentas dos Maristas, nas missas diárias, nas orações, na/para os padrões estéticos do Abrigo, ostentosa ornamentação da Capela...



Acervo: ACEDOCAM²⁸

A aliança estratégica entre Estado e Igreja Católica era do interesse de ambos os setores. Para o Estado, a Igreja servia como um instrumento de apaziguar possíveis tensões sociais emergentes através da acomodação e da resignação da população pobre (em especial resignação ao seu destino carente), com a prestação de serviços assistenciais, benemerentes e caridosos. Para a Igreja, o Estado servia como instrumento de fortificação de sua legitimidade social, de consolidação e de reprodução da hegemonia católica sobre qualquer outro sistema de crença, de auxílio à expansão de ações da Igreja sobre o todo social.

Essa aliança esteve subjacente ao convite feito pelo Interventor Nereu Ramos, no final dos anos 1930, para os Irmãos Maristas assumirem a condução do Abrigo depois de sua inauguração em 1940, e à aceitação deles a esse encargo.

A decisão dos religiosos também levou em consideração a oportunidade de poderem realizar, no Sul do país, um dos mitos fundadores da Congregação, que era o de que sua finalidade precipua, desde o criador dos Maristas, Marcelino Champagnat, era a educação de jovens pobres. A presença dos Irmãos no Brasil, contrariamente ao mito, até então dava-se principalmente com a educação de setores elitizados, em escolas particulares e pagas. Logo, o Abrigo era visto como a possibilidade concreta e exemplar para eles fortalecerem sua legitimidade social.

Os religiosos desenvolveram uma grande estima por alguns governantes em decorrência desse fato, e patrocinavam simbolicamente o culto a tais figuras. Também sentiam-se prestigiados pela proximidade e pela atenção das autoridades. Essa aliança não era, porém, apenas formal, ela expressava-se materialmente, e as fotografias do Abrigo procuraram gravar essa "união" como manifestação de júbilo. Na inauguração, em 1940, inúmeras autoridades se fizeram presentes, dentre elas o Presidente Getúlio Vargas, o Interventor Nereu Ramos, religiosos, militares, juizes, assinando o "pacto autoritário" do exercício do poder..



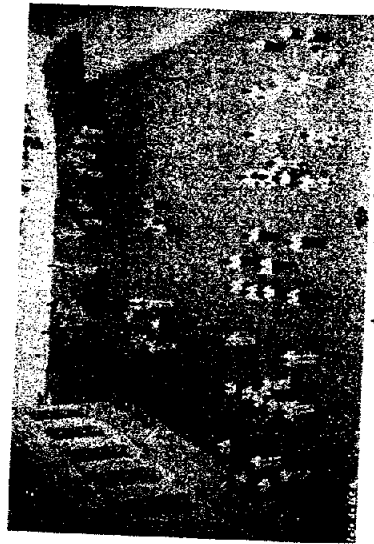
Acervo: ACEDOCAM²⁹

O culto às autoridades tinha uma conotação bastante local, pois, segundo os ex-abrigados depoentes e a documentação analisada em meu trabalho, personalidades como Getúlio não eram tão proeminentes quanto Nereu Ramos. Este, sim, foi figura que ganhou o status de "Pai do Abrigo" e era constantemente ovacionado e homenageado pelos Maristas publicamente. Os desfiles cívicos eram utilizados como momentos especiais para vocalizar essa gratidão dos Irmãos por Nereu Ramos.



Acervo: AUCF³⁰

Em outra oportunidade, os meninos do Abrigo foram transfigurados não apenas em suporte para um texto escrito pelos Maristas, mas em caracteres de um texto, com um sentido que lhes perpassava e que reforçava o vínculo institucional e coesão entre Estado e religiosos. Os abrigados, nessa condição, despersonalizavam-se, apenas serviam ou eram obrigados a servir de instrumento discursivo alheio.



Acervo: AUCF¹

Havia um interesse de representar o Abrigo como um local aprazível, dentro do qual os meninos, apesar de judicialmente considerados abandonados e materialmente constrangidos a tornarem-se efetivamente abandonados pelo fato inaugural de suas internações, vivam com alegria, ao contrário do que se poderia esperar de uma instituição desse tipo. Dessa forma, foram tiradas fotografias de momentos nos quais os abrigados estariam mais descontraídos, felizes, mesmo que esteja evidente o processo de construção da representação gravada na imagem fotográfica, ou seja, a teatralização de uma suposta vivência plena.



Acervo: AUCF²

E a harmonia das relações internas ao Abrigo estaria de pleno acordo com metáfora paisagística, com a calma das águas, com a beleza do ambiente.



Acervo: AUCF³

Quem poderia pensar que uma criança vivendo num "belo" lugar, diante uma bela paisagem, com uma educação moral, escolar, profissional perfeita, em espaços higiênicos saudáveis, arejados, mansos, educativos, formativos, com traços de vida boa, convivendo alegremente no cotidiano, com altivez, virtuosidade, haveria de ter tido uma experiência conturbada, dramática em sua vida. Não, os abrigados dali eram e foram diferentes, diria algum desavisado diante das imagens fotográficas (as "evidências") institucionais do Abrigo de Menores. Talvez alguém pensasse: até dava vontade de ser um interno na época.

A experiência do Abrigo não permite uma leitura linear, unívoca, homogênea como parecem sugerir suas imagens fotográficas, sua memória visual institucional. Obviamente que não poderíamos pensar em encontrar outras fotos mais correlacionadas à vivência efetiva do Abrigo, seu controle, repressão, autoritarismo, violência física às vezes; o choro, os dilemas, as contradições, a tensão, as ambiguidades vinculadas na trajetória de cada menino abrigado.

Não, o registro fotográfico não "prova" a história do passado, não comprova visualmente como foi o "todo" vivido ligado à imagem congelada na foto; "prova", sim, que o que está na foto (os objetos, pessoas, paisagens, coisas congeladas) efetivamente estava disposto assim diante da máquina fotográfica que registrou essa evidência. Ocorre que a evidência não evidencia a história que perpassa o referente registrado e congelado.

Essas fotografias envolvendo o Abrigo, sobretudo quando apresentam os internos, expressam uma multitemporalidade fantástica. Filma-

condensam em si três dimensões temporais: passado, presente, futuro. As imagens apresentam um projeto e um resultado, ou seja, uma dimensão temporal condensada no presente do registro que contém um passado planejado, e um futuro atingido, marcado por um presente que se desenvolve e se comprova na direção do desejado vindouro. Havia uma preocupação em legitimar o presente, em justificar a necessidade de sua existência no tempo passado e em "proteger" o futuro quanto àquilo que seria possível olhar a respeito do que teria sido essa experiência do Abrigo, dos abrigados e de seus administradores.

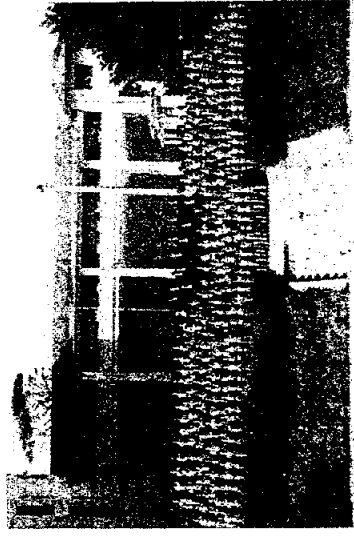
A preocupação com o tempo vindouro é evidente, ou seja, o que o futuro poderá pensar dessa experiência? As fotos procuram forjar um discurso iconográfico ou uma representação daquele passado tal como sugerem as imagens. Elas nos dizem, num primeiro momento, isso: ordem, moral, educação, higiene, profissionalização, disciplina, tudo isso num sentido claramente positivo ou, se quisermos, bom. Elas procuravam registrar "o que era" o Abrigo para os contemporâneos da época e para a posteridade, comprovando o êxito da instituição em moldar adultos futuros. O ambiente era sem fissuras, sem tensões, harmônico, pacífico, grandioso, eloquente, útil, quase benemérito, agradável, quase que "desejado" pelos internos que ali viviam, e, portanto, procurava legitimar-se enquanto instituição de internação de crianças e de adolescentes do sexo masculino.

O tom autoritário fica evidente na seleção da memória □ os internos nunca são personagens autônomos nas representações, eles encarnam papéis que lhes são dados, e a foto por si só não permite pensar em fissura, pois o registro fotográfico é uma fração de tempo da realidade infinitesimal, ou seja, o que está congelado não diz tudo daquilo que quer representar. Daí decorre o trabalho do historiador, de ajudar a perceber dimensões "não evidentes" nas imagens registradas. Daí decorre também o título deste texto: "Evidências do que não foi".

Essa experiência de ter sido abrigado constituiu a trajetória de todos os hoje ex-internos, adultos. Ela os marcou profundamente de forma ambígua, tensa, contraditória, de modo que o Abrigo e o ter sido abrigado não é redutível em uma única representação idealizada ou a uma única explicação coesa, sem conflitos, sem dramaticidade, sem complexidade. Sob esse aspecto, as fotografias (as memórias visuais do Abrigo na evidência icônica que carregam impressas em si) não dão conta da densa história dessa instituição e das pessoas que por ela passaram.

Os registros fotográficos carregam significados não determinados pela evidência congelada do passado, mas, sim, por aquele que os vê e os sente, e delimita o campo possível de apreensão dos significados a que eles podem remeter ou que eles podem provocar. E a foto abaixo poderia suscitar inúmeras reflexões: restrinjo-me apenas àquela que

teve quem me apresentou, um ex-abrigado, qual seja, um suporte da sua memória vivida, uma porta aberta para lembrança. Eis a foto:



Acervo Particular do Sr. Claudionor Veridiano Costa³⁴

- 56 Idem.
- 57 Alexandre Argemiro dos Santos, ex-mestre-escola e ex-professor leigo municipal, entrevista concedida em 26.12.2004.
- 58 Depoimento citado.
- 59 Idem.
- 60 Esse tipo de ensino em Serrote surgiu provavelmente com a finalidade de atender às necessidades de aprender a "ler, escrever e contar" daquela comunidade, numa época em que o Estado não assumia nenhuma responsabilidade com a educação. Não foi possível precisar a data de seu surgimento, mas é provável que tenha ocorrido logo após a chegada dos primeiros habitantes.
- 61 FARIA FILHO, Luciano M. de. *Dos pardieiros aos palácios*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2000.
- 62 Segundo Dominique Julia, a cultura escolar compreende "um conjunto de normas que definem saberes a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses saberes e a incorporação desses componentes, normas e práticas ordenadas de acordo com finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas ou simplesmente conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas normas e, portanto, a pôr em ação dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores". "A cultura escolar como objeto histórico". *Revista Brasileira de História da Educação*, n.º 1, 2001, p. 9-44.
- 63 Depoimento citado.
- 64 Kreutz cita as provas de final do ano avalladas por uma banca examinadora realizadas nas escolas teuto-brasileiras, como uma tradição que remonta a Comênio (1592-1670). Para os professores, esse evento significava uma avallação pública do seu trabalho. KREUTZ, 2004, op. cit., p. 234.
- 65 Depoimento citado.
- 66 Vicent, Lahre e Thin discutem a relação ente o nascimento da "forma escolar" com a nova ordem urbana na Europa (século XVII), destacando a importância do aprendizado das "Civilidades" como forma de disciplinar a população. VICENT, Guy, LAHIRE, Bernard e THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, 2001, p. 7-48.
- 67 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 154.
- 68 Depoimento citado.
- 69 Idem.
- 70 Idem.
- 71 A Cruzada Eucarística Infantil é uma instituição da Igreja Católica para as crianças. Era organizada com um certo caráter militar: disciplina rígida; graduações, insígnias, uniforme. Foi criada pelo Papa Bento XV em 1916. "O espírito do movimento resume-se nestas palavras de ordem: Ora, Comunga, Sacrifica-te e Sé Apóstolito!" Foi extinta pelo Concílio Vaticano II (1965). Site: <www.agencia.ecclesia.pt/anoario/ficha_instituicao.asp>.
- 72 Depoimento citado.
- 73 Idem.

- 74 Idem.
- 75 PRIORE, 1999, op. cit., p. 14.
- 76 ARIÈS, 1981, op. cit., p. 191.
- 77 FARIA FILHO, Luciano M., VIDAL, Diana G. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como espaço de investigação na história da educação brasileira. *14th ICAE & Pesquisa*, vol. 30, n. 1, jan./abr. 2004, p. 144, apud JULIA, Dominique. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993, p. 117.
- 78 FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993, p. 117.
- 79 Idem;
- 80 FOUCAULT, 1999, op. cit., p. 151.
- 81 Depoimento citado.
- 82 Derrival Vilas Boas, entrevista concedida em 13 de abril de 2007.
- 83 Idem.
- 83 Nos jornais de Jacobina, das décadas de 1940 e 1950, se dá grande destaque às comemorações de datas cívicas, principalmente aos desfiles realizados pelas escolas no dia 7 de setembro.
- 84 Depoimento citado.
- 85 Idem.
- 86 Idem.
- 87 Idem.

VIII. Evidências do que não foi: a construção de uma realidade através das fotografias do Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis (1940-1960)

- 1 A dissertação de Mestrado foi apresentada e aprovada junto ao Programa Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em novembro de 2005, sob a orientação da Profa. Dra. Olga Brites. O título é o seguinte: NUNZI, Eduardo Silveira Netto. *Das ruas ao internato: experiências infantis: Abrigo de Menores do Estado de Santa Catarina em Florianópolis (1950-1972)*.
- 2 Esse texto é o resultado das discussões levadas adiante durante o 2º Seminário de 2006, no Curso de Pós-Graduação (Mestrado/Doutorado), na disciplina de Fotografia, Comunicação e Memória, ministrada pelo Prof. Dr. Boris Kossov, na Escola de Artes e Comunicação da Universidade de São Paulo. A bibliografia abaixo ajudou a pensar nas questões envolvidas nesse trabalho: KOSOV, Boris. *Fotografia & história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. KOSOV, Boris. *Realidades e ficções no trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. BARTHÈS, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. SAMUËL, Raphael. *Paisagens oníricas. Projeto História*, n. 21, nov., p. 11-24, 2000. SAMUËL, Raphael. *Escopofilia. Projeto História*, n. 21, nov., p. 25-37, 2000. KILGOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Caixões infantis expostos: o problema dos sem-tutoria na leitura de uma fotografia*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela & LEITE, Miriam Moura (Orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1999, p. 65-74. LISOVSKY, Maurício. Sob o signo do "le" fotografia e história em Walter Benjamin. In: FELDMAN-BIANCO, Bela & LEITE,

Miriam Moreira (Orgs.), op. cit. p. 21-36. LEMAGNY, Jean-Claude. Metamorfozes dos olhares fotográficos sobre a cidade. *Projeto História*, n. 18, maio, p. 115-120, n. 24, jun., p. 9-26, 2002. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodução técnica; e, Sobre o conceito de história. In: IDEM. *Obras escolhidas* I. São Paulo: Brasiliense, 1985.

³ Forma jurídica de colocação da criança ou do adolescente em casa ou família substituta, na qual é nomeado um responsável civil pela pessoa menor de idade. A forma da soldada permite a "exploração" de seus serviços mediante um recolhimento de pecúlio que seria sacado pelo "beneficiário" assim que completasse 18 anos ou adquirisse maioridade civil com o casamento.

⁴ Ver: NUNES, Eduardo Silveira Netto. *Esboço de uma contribuição da História para a Pedagogia: delineamentos da pedagogia Marista no Abrigo de Menores de Florianópolis (1950-1968)*. In: Anais do Seminário Internacional de Educação: Teorias e Políticas. São Paulo: Programa de Mestrado em Educação da UNINOVE, 2003.

⁵ Instituição que foi construída nos primeiros anos da década de 1980 no município de Palhoça, grande Florianópolis, SC, e que acabou por substituir e suceder o Abrigo de Menores, que à época se chamava Educandário 25 de Novembro, que foi desativado nesse mesmo período.

⁶ Entrevista concedida ao autor em Florianópolis pelo sr. Moisés Francisco Vieira em Florianópolis/SC, dia 9/4/2003, com autorização de uso expressa na gravação.

⁷ O público ampliado, não só os que poderiam ser, ainda de modo inadequado, considerados "doentes mentais", mas outros considerados "disfuncionais", incômodos à elite ou à política autoritária, também eram encaminhados a essas instituições. Portanto, produzia-se a "jocura" socialmente. Cunha indicou os "sujeitos intersetados" em diversas categorias como "velhas negras" das "famílias burguesas", indivíduos "incapazes" de se adequarem ao mundo urbano e do trabalho, depósito de "vadios e prostitutas, loucos morais", e a "tipologia" dos internos seria aberta, ficando ao domínio do médico a definição da "doença". Ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. São Paulo: Paz e Terra, 1986, p.117, 141.

⁸ OLIVEIRA, Moacyr de. *Bilhetes de Florianópolis: Vida de Bairro. A Resistência*, p. 5, 12/12/1956. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

⁹ IMAGEM 1 - Foto de parte da estrutura predial e paisagística do Abrigo de Menores. Década de 1940. A região central de Florianópolis ficava cerca de 2 km à esquerda do Abrigo. Hoje, restam poucas edificações, como o prédio onde se encontra, desde a época, o antigo Juízo de Menores, atualmente Vara da Infância e Juventude.

¹⁰ Ver: BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. *Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893/1971*. São Carlos/SP, Brasil: Edufscar, Inep, 2002.

¹¹ IMAGEM 2 - Foto longitudinal dos blocos centrais do Abrigo. Vê-se, da esquerda para a direita, uma casa em frente ao Abrigo. A primeira das construções do Abrigo era, e continua sendo, pois ainda existe, a sede do Juízo de Menores da Capital, hoje Vara da Infância e da Juventude; ao seu lado à direita no fundo, o prédio com quatro pavimentos com dois quartos, salas de aula, capela e área coberta; separado, para a direita, salas de aula e cozinha como dois pavimentos; após, um pouco separado, enfermaria e depósito de alimentos; mais abaixo, alguns dos campos de esporte. Existe uma datação indicativa da "década de 1950".

¹² IMAGEM 3 - Foto de um dos dormitórios de uma das turmas de abrigados. Década de 1940.

¹³ IMAGEM 4 - Foto de uma turma de aula, que não era necessariamente a mesma das quatro turmas do Abrigo, cada turma de aula era composta por pessoas de dada série. Período da inauguração, 1940.

¹⁴ *Etat nominatif et Statistique: Institut des Frères Maristes des École; provenient de la Province de Santa Catarina, Abrigo de Menores de Florianópolis. 31/12/1939*. Encontra-se em AUCE.

¹⁵ *Relatório do Abrigo de Menores exercício de 1952*. Encontra-se no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

¹⁶ IMAGEM 5 - Fotos das oficinas de alfaiataria e marcenaria. Período da inauguração, 1940.

¹⁷ A documentação oficial relativa ao Abrigo registra essa morte, também dois depoimentos mencionaram expressamente o ocorrido, um deles, sr. Moisés, já citado, sr. Adilson Martins: Entrevista concedida ao autor em Florianópolis pelo sr. Adilson Martins, em Florianópolis/SC, dia 12/2/2004, com autorização de uso expressa na gravação.

¹⁸ Entrevista já citada.

¹⁹ IMAGEM 6 - Foto de parte das hortas do Abrigo, onde especialmente as crianças pequenas trabalhavam. A imagem procura representar o trabalho fecundo dos internos na colheita, plantação e limpeza do terreno, além da beleza do cantinho de verdura, preparado, ordenado, semeado. A mensagem subliminar - o futuro dá os frutos se bem preparado, se bem plantado. Foto sem data, mas década de 1950 em diante, até no máximo início da década de 1960, por conta da ausência de construções nas imediações.

²⁰ Conforme o Prontuário n. 596, há a inscrição na *Ficha Individual do Interno*, que ele foi reenviado à Seção Agrícola, pois teria "estragado propositalmente objetos" da alfaiataria e não gostado das reprimendas do "mestre". Em ACEDOCAM.

²¹ *Relatório do Abrigo de Menores referente ao ano de 1952*. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

²² IMAGEM 7 - Foto da realização de exercícios físicos por alguns abrigados, sob a condução de um professor, segundo a documentação pesquisada, geralmente um oficial da Marinha ou do Exército. Período da inauguração, 1940.

²³ IMAGEM 8 - Foto da apresentação do Coro Orfeônico do Abrigo em plena execução de peça. Veem-se os rapazes em traje de gala. Há o registro no Livro do Abrigo da data do acontecimento: 26/7/1952.

²⁴ IMAGEM 9 - Foto que documenta a participação pública do Abrigo de Menores numa das festividades cívicas, pelas ruas de Florianópolis. Nesses eventos essa atuação do Abrigo era periódica, segundo registro na documentação. Rapaz à frente com bandeira do Brasil; meninos com cartazes dizendo: Sta. Catarina deus invisível, um retrato pintado de Nereu Ramos. Sem data, pela localização no Livro do Abrigo provavelmente década de 1950, período em que Nereu foi Senador e Ministro da Justiça.

²⁵ LABRE, Bento. *Abrigo de Menores: Civismo e arte. Boletim da UCE*, n. 8, dez., p. 24-25, 1966. AUCE.

²⁶ Entrevista concedida ao autor em Florianópolis pelo Sr. Valmir José Mendes, em

Florianópolis/SC, dia 8/4/2003, com autorização de uso expressa na gravação.

- ²⁷ Entrevista concedida ao autor em Florianópolis pelo sr. Arlindo Nelson Thomasen, em Florianópolis/SC, dia 3/8/2004, com autorização de uso expressa na gravação.
- ²⁸ IMAGEM 10 - Foto da Capela do Abrigo vazia de pessoas, mas cheia de símbolos. Foto tirada pela agência "Real Fotos", provavelmente na década de 1960.
- ²⁹ IMAGEM 11 - Foto da inauguração do Abrigo, no mesmo dia diversas outras instituições foram inauguradas, todas compunham o projeto de modernização de Santa Catarina. Ano de 1940.
- ³⁰ IMAGEM 12 - Essa fotografia é continuação do registro do desfile mostrado na Imagem 9. O destaque dado a Nereu Ramos é evidente. O retrato pintado é dele; a frase escrita pelos Maristas através do suporte dos abrigados é a seguinte: Gratidão.
- ³¹ IMAGEM 13 - Foto em que os abrigados compõem, como pontos de um caractere, o seguinte texto: VIVA Dr NEREU. Registro feito num dos pátios do Abrigo provavelmente na década de 1950 em dia de alguma visita do ilustre político ao Abrigo.
- ³² IMAGEM 14 - Foto que registraria um suposto jogo de futebol entre as crianças do Abrigo. Está evidente que se trata de uma cena montada para ser fotografada, mostrando que estavam sendo bem tratados. Meninos alegres, saudios, brincantes, o que dá de 1950.
- ³³ IMAGEM 15 - Foto tirada em sentido contrário à frente do Abrigo, do mar, da baía fundo do A.M., foto de 1953. Em AUCE. Essa foto também constou da publicação dos Maristas comemorativa a seu 50º aniversário de presença no Sul do país. Ver: CINQUENTENÁRIO DA CHEGADA DOS IRMÃOS MARISTAS AO RIO GRANDE DO SUL: álbum comemorativo, 1900-1950. Porto Alegre: Tipografia Champagnat, 1950.
- ³⁴ IMAGEM 16 - Foto de todos os abrigados e Maristas, que frequentavam o Abrigo na época da foto. Sem data, provavelmente década de 1960, período em que o senhor Claudonor Veridiano Costa (que me forneceu a Imagem) estava interno.

IX. Corpo, Infância e Publicidade nas Décadas de 1940 e 1950

- ¹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. A vontade de saber*. São Paulo: Edições Graal, 2003a, p. 116.
- ² Id. *Ibid.*, p. 118.
- ³ -----, *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003b, p. 80.
- ⁴ FOUCAULT, 2003a, op. cit., p. 32.
- ⁵ FOUCAULT, 2003b, op. cit., p. 232.
- ⁶ FOUCAULT, 2003a, op. cit., p. 99.
- ⁷ -----, 1997, op. cit., p. 64.
- ⁸ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999, p. 171.

- ⁹ Trecho do discurso do professor Alfredo Ferreira de Magalhães durante o I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, realizado em 1922 no Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Iranilson Burity. "Brasil Eugênico, Brasil Novo": Imagens e Leituras da Infância Higienizada nos Anais do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (Rio de Janeiro, 1922). Anais eletrônicos do III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL. Florianópolis, 2006, p. 1997-2010.
- ¹⁰ OLIVEIRA, Iranilson Burity. "Brasil Eugênico, Brasil Novo": Imagens e Leituras da Infância Higienizada nos Anais do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (Rio de Janeiro, 1922). Anais eletrônicos do III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL. Florianópolis, 2006.
- ¹¹ *O Estado*. Florianópolis, 24 maio 1940, p. 1.
- ¹² Texto presente num anúncio do produto "Malzena". *O Estado*, 31 jan. 1940, p. 5.
- ¹³ BRITES, Olga. *Imagens da Infância*. São Paulo e Rio de Janeiro, 1930 a 1950. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. São Paulo, 1999, p. 88.
- ¹⁴ Idem, *idem*.
- ¹⁵ *O Estado*. Florianópolis, 10 out. 1941, p. 6.
- ¹⁶ Cf. BRITES, 1999, op. cit.
- ¹⁷ *O Estado*. Florianópolis, 10 jan. 1940, p. 3.
- ¹⁸ BRITES, 1999, op. cit.
- ¹⁹ FISCHER, Rosa M. B. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 2.
- ²⁰ FOUCAULT, Michel. *Technologies of the self*. In: MARTIN, L. H.; GUTMAN, H.; HUTTON, P. H. (Org.). *Technologies of the self: a seminar with Michel Foucault*. Amherst, Massachusetts: University of Massachusetts Press, 1988, p. 18.
- ²¹ COSTA, 1999, op. cit., p. 73.
- ²² *O Estado*. Florianópolis, 12 out. 1952, p. 7.
- ²³ Texto presente num anúncio dos Laboratórios Squibb sobre apendicite, publicado em 9 jul. 1950, p. 5.
- ²⁴ *O Estado*. Florianópolis, 19 out. 1952, p. 9.
- ²⁵ PEREIRA, André Ricardo. A criança no Estado Novo: uma leitura na longa duração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Associação Nacional de História, v. 19, n. 38, 1999, p. 165-198.
- ²⁶ RAMOS, Ricardo. *Do reclame à comunicação: pequena história da propaganda no Brasil*. São Paulo: Atual, 1985, p. 63-67.
- ²⁷ *O Estado*. Florianópolis, 22 maio 1949, p. 4.
- ²⁸ *O Estado*. Florianópolis, 3 jul. 1949, p. 7.
- ²⁹ *O Estado*. Florianópolis, 5 nov. 1950, p. 6. Grifo presente no anúncio.
- ³⁰ *O Estado*. Florianópolis, 9 jul. 1950, p. 5. Grifo presente no anúncio.
- ³¹ *O Estado*. Florianópolis, 6 jan. 1952, p. 5. Grifos presentes no anúncio.
- ³² *O Estado*. Florianópolis, 1º out. 1950, p. 7. Grifo presente no anúncio.
- ³³ COSTA, Jurandir Freire, op. cit., p. 150 e 140.
- ³⁴ FALEIROS, Vicente de Paula. *Infância e processo político no Brasil*. In: PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene (Org.). *A arte de governar crianças: a história das políti-*